

LITERATURA E HISTÓRIA: O ROMANCE DESMUNDO E A REALIDADE DAS MULHERES ÓRFÃS NO BRASIL COLONIAL

LITERATURE AND HISTORY: THE NOVEL DESMUNDO AND THE REALITY OF ORPHAN GIRLS IN COLONIAL BRAZIL

João Otávio Bastos Correia
Universidade Estadual do Ceará (UECE)
Dra. Fátima Maria Leitão Araújo
Universidade Estadual do Ceará (UECE)

RESUMO

O presente artigo tem por objetivo analisar a realidade das mulheres órfãs no Brasil colonial, a partir do romance Desmundo, da escritora Ana Miranda. O intento é revelar a importância da narrativa literária para a compreensão da histórica ou das representações sobre o contexto social do Brasil no início da colonização. A narrativa nos conduz aos fatos ocorridos no Brasil em meados do século XVI, mostrando-nos a possibilidade de utilizarmos a literatura para nos reportarmos a fatos reveladores de um momento vivido e, que muitas das vezes, passaram despercebidos e invisibilizados em escritas totalizantes e lineares da História. Partindo dessa perspectiva, com a presente escrita buscamos promover o diálogo interdisciplinar entre literatura e história, tendo por foco o romance que relata a vinda de moças de Portugal para o Brasil na época da colonização para casar e a vida difícil que essas mulheres tinham, dentre essas destaca-se Oribela, a protagonista da obra em análise, cuja vida desvela as condições e sujeições as quais eram submetidas jovens mulheres órfãos transportadas à colônia para atenderem às necessidades dos colonos sob os auspícios da Igreja Católica. Tendo em vista as novas abordagens historiográficas, a literatura passa a ter papel de destaque na pesquisa, pois a partir da literatura chegaremos a compreensão social daquele periodo segundo a obra Desmundo.

Palavras-chave: Literatura e História. Romance. Brasil colonial. Mulheres órfãs.

ABSTRACT

This paper aims to analyze the reality of orphan girls in colonial Brazil in the novel Desmundo, by the writer Ana Miranda. It also aims to reveal the importance of literary narrative for understanding the history or representations about the social context of Brazil in the beginning of colonization. The narrative leads us to the events that occurred in Brazil in the mid-sixteenth century, showing us the possibility of using literature to report facts and reveal moments that for a long time were unnoticed and invisible in totalized and linear writings of history. From this perspective, with this study, we seek to promote the interdisciplinary dialogue between literature and history, focusing on the novel that relates the coming of young women from Portugal to Brazil at the time of colonization to get married and the difficult life those women faced, among them Oribela stands out, the main character of the book, whose life unveils the conditions and subjections inflicted to young orphan women who were transported to the colony to attend the needs of the settlers under the consents of the Catholic Church. In view of the new historiographical approaches, literature plays an important role in this research, as from the literature we will reach the social understanding of that period according to the novel Desmundo.

Keywords: Literature and History. Novel. Colonial Brazil. Orphan girls.

Enviado em: 26/03/2020 • Aceito em: 02/03/2021 • Publicado em: 01/06/2021 DOI: 10.25190/rec.v10i1.4004

1 INTRODUÇÃO

O artigo aborda uma análise do romance Demundo, no qual a escritora cearense, Ana Miranda, retrata a realidade do Brasil colonial, a partir de um fato datado de 1555, momento em que chega ao Brasil uma caravela trazendo uma leva de órfãs mandadas pela rainha de Portugal para se casarem com os cristãos portugueses que habitavam a nova terra. A história dessas órfãs é contada por uma delas, Oribela, com uma visão mítica, espiritual e sensual.

Para essas mulheres que tinham suas vidas marcadas pela orfandade, o calvário passa a ser o horizonte desde a mais tenra idade, quando as mesmas perdem ou são abandonadas pelos seus genitores. Com o abandono passam à tutela da Igreja Católica, pois havia muito medo em relação aos destinos dessas meninas, visto o perigo delas enveredarem pelos caminhos pecaminosos, sina quase certa das moças em abandono. A Madre Igreja Católica tinha o papel de cuidar das moças órfãs com o objetivo de evitar tal desiderato a elas anunciado, ou seja, a prostituição. Uma passagem da Bíblia (*APOCALIPSE, 17, 1-2*) nos mostra como a sociedade judaico-cristã percebia a prostituta. "Vem vou mostrar-te o julgamento da grande prostituta que está sentada a beira de águas copiosas, os reis da terra se prostituirão com ela, e com o vinho da sua prostituição embriagaram-se os habitantes da terra" (BÍBLIA, 2002, p. 2268).

Estava lançada a sorte das "pobres almas" já condenadas ao inferno em vida. Todos sabiam o agouro que era viver em um orfanato no século VXI, em Portugal. A compreensão de tal realidade é possível observar a partir da vida da jovem Oribela, do romance Desmundo. A narrativa de Desmundo (1996) tem como base de estudo uma carta real datada de 1552, de Manoel de Nóbrega a D. João, solicitando o envio de mulheres portuguesas para se casarem com os colonizadores no Brasil. Esse fato também pode ser observado na obra Ao Sul do Corpo, de Mary Del Priore (1993), na qual se constata, por meio de registros e documentos, o projeto da Igreja de criar, no Brasil, uma sociedade cristã perfeita. Uma espécie de Paraíso brasileiro, onde a mulher era escrava doméstica do homem e sua total submissão fazia parte do processo civilizatório.

A narrativa ora analisada traz uma representação sobre a realidade de mulheres órfã em pleno século XVI. Tendo em vista as novas abordagens historiográficas, a literatura passa a ter papel de destaque em pesquisas históricas. Para Chartier a relação entre literatura e história enfatiza o requisito de uma aproximação plenamente histórica dos textos. Trata-se, portanto, de:

Identificar histórica e morfologicamente as diferentes modalidades da inscrição e da transmissão dos discursos e, assim, de reconhecer a pluralidade das operações e dos atores implicados tanto na produção e publicação de qualquer texto, como nos efeitos produzidos pelas formas materiais dos discursos sobre a construção de seu sentido". Semelhantes textos que fazem da escritura, do livro e da leitura o objeto mesmo da ficção, obrigam os historiadores a pensar de outra maneira as categorias mais fundamentais que caracterizam a "instituição literária. (CHARTIER, 2000, p. 77)

Assim, a partir da narrativa do romance Desmundo, observamos como a vida das órfãs era lançada à sorte, como no jogo de azar, mas onde quem perdia eram as mesmas, pois teriam que se lançar à triste aventura de vir ao Brasil, onde homens de todas as índoles estavam a espera-las e delas fazerem objeto de seus desejos e vontades. O romance se apresenta, portanto, com inúmeras possibilidades de compreensão de uma dada realidade histórica. E, em particular, sobre o romance, concordando com Benjamim (2002, p.107):

Na substituição da antiga forma narrativa pela informação, e da informação pela sensação reflete-se a crescente atrofia da experiência. Todas essas formas, por sua vez, se distinguem da narração, que é uma das mais antigas formas de comunicação. Esta não tem a pretensão de transmitir um acontecimento, pura e simplesmente (como a informação o faz); integra-o à vida do narrador, para passá-lo aos ouvintes como experiência.

A viagem das embarcações de Portugal até o Brasil era sempre marcada por muitos problemas e dificuldades, pois os navios da época não ofereciam boas condições para seus tripulantes. Durante a viagem a fome, as doenças e os piolhos eram companhias constantes, comprometendo a saúde e trazendo riscos de vida aos viajantes. Todos esses contratempos vão minando a futura vinda das órfãs, sob tutela da igreja

portuguesa, ao Brasil, lembrando que as essas criaturas já tinham seus destinos traçados pelos religiosos. O que o romance nos mostra é uma narrativa de dificuldades e falta de esperanças das órfãs portuguesas que para o Brasil vinham com a obrigação de acalmar a fúria sexual dos colonizadores a serviço de Portugal, que a todo custo deviam explorar e povoar a "Terra Brasilis".

Nas obras ou nos textos literários dramáticos ou narrativos, o tempo é inseparável do mundo imaginário, projetado, acompanhando o estatuto irreal dos seres, objetos e situações. Conjuga-se segundo registros peculiares, que decorrem de sua apresentação na linguagem, principalmente ao tempo vivido, sem prejuízo das demais modalidades que antes especificamos (NUNES, 2003, p. 24).

Conforme a descrição do romance, em sua linguagem e mundo imaginário, a intenção da coroa portuguesa era a submissão e obediência dos colonizadores e das órfãs, pois a partir do domínio, seja intelectual ou de cárcere, esses eram de muita utilidade à colônia. Segundo Miranda (1996, p. 48), "os que fossem ficar deveriam submeter suas vidas a Deus, suas almas aos padres, sua sorte ao vento e suas mercancias ao governador. No que uns riram e outros fizeram o sinal da cruz".

Para tanto, organizamos este trabalho em três seções, a saber, "O contexto histórico e social na obra literária Desmundo" quando discutimos as formas pela qual a obra se funda em um aspecto social e histórico do século XVI, em uma situação concreta da narrativa; na seção seguinte, "O casamento da personagem", discutimos a condição da personagem Orisbela e as outras mulheres que vinham de Portugal, ainda adolescentes para se casarem aqui com desbravadores e colonizadores nessa situação concreta de exploração. Por fim, destacaremos "A literatura e o romance histórico na obra Desmundo", onde discutimos a importância do romance histórico na história do Brasil através do romance estudado aqui.

Feitas nossas considerações iniciais, passamos à primeira seção.

2 CONTEXTO HISTÓRICO E SOCIAL NA OBRA LITERÁRIA DESMUNDO

Em o Desmundo observamos que os contextos históricos e sociais são detalhados os fatos inerentes ao tempo retratado no romance. É retratada a terrível agonia das jovens que vieram para servir de esposas aos colonizadores que aqui estavam. Quanto mais a leitura se desenvolve, mais é destacado o terror psicológico sofrido pelas criaturas órfãs e desprovidas de proteção do estado português.

Dessa forma, fica evidente o quanto essas mulheres precisavam se agarrar à fé em Cristo e às rezas para poderem resistir à pressão psicológica que sofriam desde a saída de Portugal, nas embarcações à vela, até chegarem à terra firme, as terras brasileiras nos primórdios da colonização. Senão vejamos a narrativa de Oribela:

A vista de uma colina distante tangeu dentro do meu coração música de boas falas, com doçainas e violas d'arco, a ventura mais escondida clareia a alma. Ali estava bem na frente a terra do Brasil, eu a via pelos estores treliçados, lustrada pelo sol que deitava. Uxtix, uxte, xulo, cá! Verdadeira? Tão pequena quanto pudesse eu imaginar, lavada por uma chuva de inverno, verde, umas palmeiras altas no sopé, por detrás de nuvens de tapeçaria, véu de leve fumo. Hio, hio, huhá. Espantada que a alegria pudesse entrar tão profundamente em meu coração, em joelhos rezei. Deus, graças, fazes a mim, tua pequena Oribela, a mais vossa mercê em idade inocente, um coração novo e um espírito de sabedoria, já estou tão cegada pela porta de meus olhos que nada vejo senão deleitos, folganças do corpo, louvores, graças prazentes e meu coração endurecido, entrevado sem saber amar ou odiar. Assim como o azeite acende o lume, a vista acende o desejo. Dá a mim a graça de muitas lágrimas com que lavar o meu sonho, maior que meu corpo. (MIRANDA, 1996, p. 11).

Observamos na citação a agonia de Oribela, pois a mesma já sentia a angustia que seria seus dias e seu sofrimento aqui no Brasil, terra de ninguém aonde os seres vivos chegam a ser mais animalescos que qualquer fera da terra. Os portugueses e os padres tratavam os índios como animais, feras, a serem domesticadas para os serviços da terra, e submissos às ordens da igreja. Para tal tratamento os padres justificavam que os índios eram comedores de sua própria raça, carnívoros, se tratavam como animais e ainda assim andavam nus e tinham mulheres à vontade.

Segundo Silva (2000), a construção de identidades ocorre de acordo com as relações sociais nas quais elas se inscrevem. Logo, para entendermos como ocorreu a construção da vida e da identidade da personagem Oribela, devemos analisar suas relações e comportamentos com outras personagens vindas de Portugal, que constituíram tal identidade.

Oribela passa a ser cogitada a casar com um homem muito mais velho que ela e que segundo sua percepção de mulher também era nojento e a mesma sentia repulsa por seus atos como, por exemplo, a falta de asseio e o modo como o mesmo agia na sociedade. Embora fosse uma sociedade patriarcal, onde as mulheres deveriam submeter-se pacificamente e muitas vezes sequer estranhavam sua situação, aos olhos da órfã o pretendente era um ser que não seria de seu agrado social e tão pouco para a mesma se casar. O nome de seu pretendente e futuro marido era Francisco de Albuquerque, um português que estava há anos no Brasil, com a missão de colonizar e fazer riquezas tanto para si próprio como para a coroa portuguesa.

Segundo Gay (1990, p. 17-18), "o historiador é ao mesmo tempo um escritor e um leitor que, em ambos os casos, é profissional. Em sua função de escritor, sente-se na difícil obrigação de proporcionar prazer ao leitor sem comprometer o conteúdo de sua narrativa". No caso da narrativa encontrada no livro Desmundo, podemos observar a importância que o livro tem para a História do Brasil, com vários detalhes dos costumes, da cultura e relações sociais daquele período.

Destacamos as riquezas de detalhes presentes no romance desde a chegada das órfãs ao Brasil. A autora descreve os colonizadores, mostra a relação dos índios com os portugueses, padres e entre os índios e inimigos. Assim é possível compreender a relação de poder entre as classes sócias que estavam se firmando na colônia portuguesa, bem como entre colonos e colonizados, entre homens e mulheres. A riqueza de detalhes e informações do contexto, não comprometem a narrativa do romance, cujo foco é a sofrida vida de uma mulher órfã no Brasil colonial.

O proveito da História em procurar junto à literatura elementos narrativos não reside em uma simples aceitação de técnicas literárias, mas sim na criação de uma consciência de que as "velhas formas" de se construir o discurso histórico não dão conta das atuais buscas dos pesquisadores. Assim, consideramos por demais salutar a utilização da literatura como uma linguagem para a compreensão de determinado contexto histórico.

O romance em análise nos revela a vida sofrida de órfãs vindas de Portugal para o Brasil e sua narrativa traz importantes elementos do Brasil de meados do século XVI, aproximadamente 1529, retratando algumas peculiaridades da nossa terra, desde embarcações, costumes, história oral, índios, catequizações e outras narrativas que nos mostram um cotidiano único, vivido aqui há mais de quatrocentos anos atrás. Como se observa no trecho: "Ele me abriu, explorou e olhando o lume a cor do molhado, de sangue, abanando a cabeça disse. Verdade disseste e agora és minha..." (MIRANDA, 1996, p. 77).

Terminadas esta discussão sobre contexto histórico e social na obra Desmundo, passamos à próxima seção.

3 O CASAMENTO DA PERSONAGEM

Oribela narra o dia do seu casamento e os sofrimentos que passa a experimentar na vida que não escolheu para si. A órfã, além de não ter o direto de escolher com quem casar, era tratada apenas como um objeto de prazer de Francisco Albuquerque, seu marido por força própria e com as bênçãos da igreja. E assim se inicia a perdição de Oribela.

Constatamos na narrativa a maneira com que as órfãs trazidas para o Brasil eram tratadas e quais suas funções aqui. Observamos que se faziam sorteios das pobres almas vindas de Portugal para a colônia, com o intuito de usa-las como objeto sexual para que os colonizadores tivessem alguma diversão, ou transformá-las, com a ajuda da igreja, em esposas. Dessa forma, os portugueses que aqui estavam, teriam uma esposa para se satisfizerem e procriarem com moças até trinta anos mais novas que eles. Podemos perceber que a figura da mulher no início do século XVI, no recém-explorado Brasil, era de total submissão, pois as mesmas não tinham voz e nem direitos, tinham apenas o dever de servir aos seus senhores e reproduzirem, e em caso quando recusassem tal sina, poderiam ficar presas sobre a custodia de seus maridos, que eram seus "donos".

Oribela, agora estava casada e a partir da narrativa é possível observar os seus terríveis primeiros dias de relacionamento. Era usada sexualmente por seu marido, momentos de sofrimentos para ela, ficava a chorar enquanto indiferente, o mesmo voltava aos afazeres.

A protagonista do romance sempre questionava a Deus e a sua santa mãe Maria. Porque teria ela, Oribela, de enfrentar ainda tão jovem tamanha crueldade e sofrimento, visto que ela desde criança foi criada sem pecados em um mosteiro de Portugal, sempre adorando e venerando a imagem dos santos e da igreja, onde suas tutoras a ensinavam a rezar constantemente para receber as benevolências divinas. Seriam essas chagas as bênçãos que ela, Oribela, merecia receber? Segundo a Bíblia (SALMO, 146, 8-10):

O SENHOR dá vista aos cegos, o SENHOR ergue os combalidos, o SENHOR ama os justos. O SENHOR protege os migrantes, ampara os órfãos e as viúvas, mas frustra os planos e atitudes dos ímpios. O Eterno reina para sempre; Ele é teu Deus, ó Sião, teu rei de geração em geração. Aleluia! (BÍBLIA, 2002, p. 1196).

O salmo acima nos remete ao desespero e ao conflito espiritual de Oribela, que busca refúgio espiritual a partir da religiosidade cristã, tentando encontrar um consolo para seus receios e anseios. Oribela é essa personagem que representa órfãos migrantes e fieis aos ensinamentos contidos na Bíblia Sagrada e ensinados pela Igreja por mais de mil anos. Estaria a mesma indo de encontro aos ensinamentos e, por isso, estaria recebendo castigos? Ao longo da narrativa romanesca, por muitas vezes nos deparamos com a infeliz órfã questionando sua fé e suas orações. Mas, podemos observar que a mesma igreja que ensina a Bíblia foi a mesma que entregou as órfãs ao bel prazer dos exploradores que aqui estavam para usufruir das meninas e/ou casarem se com elas. Percebemos uma questão política de interesses da coroa portuguesa e da Madre Igreja, logo Oribela estava no meio de uma jogatina onde só ela iria perder.

A narrativa nos mostra uma realidade ocorrida no Brasil no século XVI, mas que ainda perdura até os dias atuais, que é a comercialização de animais silvestres. Francisco Albuquerque, casado com Oribela, é um grande comerciante local de aves e animais silvestres, pois o mesmo muito lucrava com a venda desses para Portugal que, por sua vez, fazia comercio com outros países. Podemos observar no trecho tais relatos: "ver no meio do mato os galhos deitando e chegando nas jaulas as capturas e os preparos das armadilhas, mais aves verdes para comerciar com as naus, assim como outros gatos bravos..." (MIRANDA, 1996, p. 105).

Enfim, esta discussão traz a tona o desumano tratamento em relação ao casamento tanto da Oribela, quanto a outras garotas. Este tratamento é levado ao extremo no caso das mulheres. Debateremos o romance histórico como veremos a seguir.

4 A LITERATURA E O ROMANCE HISTÓRICO NA OBRA DESMUNDO

Portanto, a narrativa nos conta fatos ocorridos no Brasil do século XVI, nos mostrando que é possível utilizarmos a literatura para nos reportarmos a fatos reveladores de um momento vivido e que muitas vezes passa despercebido em determinadas leituras ou estudos, podendo, assim, nos nortear em alguns fatos e épocas que por algum motivo foi esquecido ou mesmo apagado de nossa História. Segundo Benjamim,

Ao integrar o processo da vida social na vida de uma pessoa, ele justifica de modo extremamente frágil as leis que determinam tal processo. A legitimação dessas leis nada tem a ver com sua realidade. No romance de formação, é essa insuficiência que está na base da ação (BENJAMIN, 1996, p. 202).

Sabemos que a História do Brasil por muito tempo foi escrita na perspectiva da história linear e a partir de visão elitista e heroica. Com os novos aportes teóricos advindos da historiografia da Escola dos Annales e da história cultural, ocorreu uma virada nas pesquisas históricas quanto aos seus objetos, métodos e fontes históricas. Neste contexto, as obras literárias passam a ser utilizadas como fontes para a compreensão do passado. Na obra Desmundo, por exemplo, podemos observar a vida dos índios e dos nativos portugueses, bem como suas convivências, sejam harmoniosas ou conflituosas. No trecho abaixo Oribela relata o relacionamento de seu marido com as nativas, o que era visto como forma de humilhação: "Sem Francisco de Albuquerque me visitar de dia nem de noite, que se deitava com as naturais e as fornicava a minha vista, como para humilhar, mas a um modo de cachorros, em joelhos, fosse para dar ciúmes, nem se perdesse nisso, de mim não teria mais que a raiva" (MIRANDA, 1996, p. 113).

Podemos perceber o quanto era conflituosa e sofrida a relação de Oribela com Francisco de Albuquerque. Oribela tentou fugir e por isso estivera presa por vários dias, sendo alimentada pelas nativas que serviam na casa de seu marido (dono). Para demostrar sua força e selvageria o mesmo usava as índias

sexualmente na frente da esposa, encarcerada pelo próprio marido. Motivo pelo qual a esposa se via assombrada, pois jamais pensaria em ver tal cena de horrores sexual. Observamos uma cultura patriarcal, onde a figura masculina e de posses de terras e bens poderia fazer qualquer absurdo com essas mulheres, o que era visto como normal por parte da igreja e dos homens, pois percebemos da parte de Oribela e das indígenas uma repulsa para tais atos libidinosos com as mesmas.

Chama a atenção o gosto pelo sexo brutal e banal ao qual se servia Francisco de Albuquerque, que tinha isso como natural e punitivo. O mesmo usava o falo para punir como se fosse um chicote para açoites sendo traumático para o psicológico de Oribela ou para quem estava sendo vilipendiada. São absurdos que percebemos na narrativa, os quais nos remetem um período da Historia do Brasil.

Lukács (1999) deixa claro, em seus escritos, a importância de se saber diferenciar a vida cotidiana dos personagens e pessoas comuns da vida burguesa, onde se percebe uma tentativa de afirmação ao capitalismo. Observamos no romance Desmundo, as diferenças sociais e de gênero, bem como o papel da Igreja Católica a reforçar a submissão da mulher ao homem, seu senhor, como algo natural e necessário à harmonia de uma sociedade cristã.

Ressaltamos que mesmo as mulheres abastadas, filhas de colonizadores, eram submetidas à submissão e vontades de seus maridos. A essas era negado o prazer sexual, pois a relação sexual tinha o único de fim, que era a procriação. Deveriam ser mães e esposas exemplares em suas tarefas domésticas e sociais. Quanto às órfãs, havia um agravante por serem elas mulheres sem dote e sem origem conhecida. Dessa forma, tinham que se submeterem aos asquerosos homens. Fragilizadas e sem perspectiva são obrigadas a se casarem com velhos colonizadores fornicadores.

Percebemos na narrativa de Desmundo essa separação de classe social a qual Lukács faz referência em sua obra. A própria narrativa se encaixa no contexto do sistema mercantilista, que após anos se transforma no sistema capitalismo, onde as lutas de classes se fazem presente em uma garantia de direitos e sobrevivência. De fato,

As forças sociais descobertas pelo artista, que as representa em seu caráter contraditório, devem aparecer como traços característicos das figuras representadas; em outras palavras, devem possuir uma intensidade de paixão e uma clareza de princípios que não existem na vida burguesa quotidiana, e ao mesmo tempo devem se manifestar como traços individuais de determinado indivíduo. Uma vez que o caráter contraditório da sociedade capitalista torna perceptível em cada um de seus pontos a humilhação e a depravação do homem que impregnam toda a vida interna e externa da sociedade burguesa, quem vive totalmente uma experiência apaixonada e profunda se torna inevitavelmente objeto destas contradições, um rebelde (mais ou menos consciente) contra a ação despersonalizante do automatismo da vida burguesa (LUKÁCS, 1999, p. 97).

A narrativa mostra o império Português representado pela figura do rei, a igreja católica dominante junto à figura dos Padres e freiras, outra classe em ascensão são os colonizadores a serviço da coroa portuguesa. Essas três classes podemos denominar como dominantes, pois as mesmas tem o domínio sobre outras camadas sociais, chegando até a escravizar as mesmas. Oribella e as outras órfãs estavam sobre a tutela e dominação do Estado e da Igreja, sendo elas entregues como prêmio para alguns colonizadores. Os índios eram tidos como uma sub-raça a qual deveriam ser escravizados e catequizados. Podemos perceber em tais ações que o Estado e a Igreja estão sempre se justificando e revezando suas maneiras de dominação, seja pela força ou pela catequização e oração.

O romance nos traz um momento cruel e crucial da vida da personagem principal, onde a mesma toma uma decisão de fugir das garras de Francisco de Albuquerque, seu marido. Mesmo correndo riscos, ela coloca em plano sua fuga embora que custe sua infeliz e dolorosa vida. Mesmo narrando o desespero de Oribella, a autora não deixa de nos contar e nos revelar as belezas de uma terra pouco explorada.

Fui procurando o rumo da cidade, na noite tão escura, pelo voo das aves, que iam para o mar, e pelo cheiro do sal, pelo vento fresco que assoprava os olhos de dentro meus na nau fundeada na baía e em dona Bernardinha, vergaldalta, ancoras a pique, pardeus velas mareadas, para perder o medo dos galhos ásperos da mata, das unhas dos falcoes, dos dentes dos morcegos e das cobras. (MIRANDA, 1996, p. 157).

A protagonista nos leva a percepção da natureza, animais e feras das florestas, e a beleza que eram as matas, por onde passava em sua tentativa de fuga. A mesma foi guiada pelo cheiro do mar e seus encantamentos em uma tentativa de se livrar das garras de seu marido e de uma vida sofrida a qual a mesma levava. Sua fuga se fez a noite logo após um ataque de selvagens onde a mesma morava, em um pequeno forte. A órfã enfrenta os perigos da natureza que ao mesmo tempo tem suas belezas e a protegia de ser capturada novamente pelo marido que a fazia de prisioneira.

Ela se aventurou por vários dias e chegou até a conhecer Ximeno, um homem com pequenas posses, mas com um bom coração que a escondeu por um tempo. Oribella, cansada de viver do ódio e ser prisioneira passou a olhar o homem com outros olhos passando a acreditar no amor. Em uma noite de lua viu Ximeno deitado e nu, ela se aproximou e deitou nos braços dele, tendo sua primeira relação sexual consentida e prazerosa.

Mas a alegria e prazer da liberdade duraram poucos dias, pois a mesma mais uma vez foi capturada pelo seu marido Francisco de Albuquerque, que novamente a leva para seu forte no meio dos matos. Agora havia um agravante, a moça estava gravida e a dúvida corria na mente conflituosa de seu marido, pois o mesmo duvidava da sua paternidade.

O tempo da narrativa, explicitado pela teoria da literatura, é ao lado do ponto de vista do foco, do modo de apresentação e da voz, uma das categorias do discurso. Mas as suas variações não podem ser apreendidas apenas visando o discurso independente da historia, ou apenas a historia, independente do discurso. (NUNES, 2003, p. 30).

Podemos observar que existe um elo entre a narrativa, literatura e a história do Brasil no romance estudado.

É nessa perspectiva que podemos perceber a importância da narrativa histórica, onde um romance nos reporta a um momento da história do Brasil por muito tempo pouco revelado nos livros oficiais de História. Assim, nas palavras da autora: "Ora, essa síntese memorial, que torna compreensível o reconhecimento de elementos de conteúdo e de estilo, que abre certas possibilidades e exclui outras, de acordo com as peculiaridades, e fechando-se quando o texto termina" (NUNES, 2003, p. 70)

O romance se encerra com Antônio de Albuquerque indo para outro local levando seu filho e deixando Oribella em total abandono, assim como a Igreja e o Estado. Ficou a pobre órfã sozinha em um pequeno vilarejo abandonada e sem o filho. Sobrou correr atrás de seu único abrigo que era o amor que a mesma tinha por Ximeno, pois nem mesmo ela saberia se poderia encontrar.

Enfim, após discutirmos sobre A literatura e o romance histórico na obra Desmundo, podemos ir às considerações finais.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A narrativa Desmundo nos leva a uma viagem espetacular a um País ainda sendo desbravado, povoado e onde suas riquezas naturais são descobertas aos poucos, essa compreensão nos é revelada graças à narrativa que o romance nos mostra a partir dos dramas de Oribella, suas aventuras para fugir desse mundo cruel, e ao mesmo tempo trazendo as belezas de uma terra recém-explorada que muitos não conheciam. A narrativa nos permite ter esse olhar literário e histórico do Brasil em meados do século XVI. Mas, segundo Nunes (2003, p. 71), "é pela leitura que se concretiza a função do tempo na narrativa, visto ser o destinatário da ficção que reatualiza o processo de reconfiguração do real que a obra destinatária de caráter épico cristaliza".

REFERÊNCIAS

BENJAMIN, W. **Conceito de Crítica de Arte no Romantismo Alemão**. Tradução Marcio Seligmann-Silva. São Paulo: Iluminuras, 2002.

BENJAMIN, W. O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. *In*: **Magia e técnica, arte e política**: ensaios sobre literatura e história da cultura. São Paulo: Brasiliense, 1996.

BÍBLIA – **Bíblia de Jerusalém**. São Paulo: Paulus, 2002.

CHARTIER, R. Debate - Literatura e História. **Topoi Revista de História**, Rio de Janeiro, v. 1, n. 1, p. 197-216, jan./dez. 2000.

DEL PRIORE, M. **Ao Sul do Corpo**: condição feminina, maternidades e mentalidades no Brasil Colônia. Rio de Janeiro: José Olympio, 1993.

GAY, P. O estilo na história. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

LUKÁCS, G. O Romance como Epopeia Burguesa. *In:* CHASIN, J. (org.). **Ensaios Ad Hominem**, Tomo II – Música e Literatura. Santo André: Estudos e edições Ad Hominem, 1999.

MIRANDA, A. **Desmundo**. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

NUNES, B. O tempo na narrativa. São Paulo: Edições Loyola, 2003.

SILVA. T. T. da (org.). **Identidade e Diferença**: A perspectiva de estudos culturais. Petrópolis: Vozes, 2000.

SOBRE OS AUTORES

João Otávio Bastos Correia

Graduado em Licenciatura em História. Especialista em: Metodologia do Ensino de Historia (UECE); Gestão Escolar (FUNIP). Mestrando em História e Letras (MIHL) pela Universidade Estadual do Ceará, UECE, Brasil. Contato: jtavinho@hotmail.com

Fátima Maria Leitão Araújo

Graduada em História. Especialista em História das Ideias Políticas (UECE). Mestre em Educação pela Universidade Federal do Ceará, UFC, Brasil. Doutora em Educação Brasileira pela Universidade Federal do Ceará, UFC, Brasil.

Contato: fatima.leitao@uece.br